

**MACABÉA E O SERTÃO SIMBÓLICO: AUSÊNCIA,
SILÊNCIO E PRECARIIDADE EM “A HORA DA ESTRELA”,
DE CLARICE LISPECTOR**



Andréa Pereira Cerqueira

Mestranda em Literatura (Universidade de Brasília)
Especialista em Literatura Contemporânea Brasileira
e Literatura em Língua Inglesa.
E-mail: prof.andreacerqueira@gmail.com

Wiliam Alves Biserra

Doutor em Teoria Literária e em Psicologia Clínica e Cultura
(Universidade de Brasília)
Professor adjunto de Literaturas de Língua Inglesa (UnB)
E-mail: wiliamalvesbiserra@gmail.com



DOI: 10.56372/desleiturav14i14.208

Resumo: Este artigo analisa a representação de Macabéa no romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, investigando como a trajetória da personagem reconfigura a noção de sertão em chave simbólica e existencial. A análise parte de uma leitura minuciosa do texto literário em articulação com a crítica especializada, destacando quatro eixos: (1) o vazio de si e a ausência de historicidade que caracterizam a protagonista; (2) a alienação cotidiana e os dispositivos culturais que moldam sua percepção de mundo; (3) a condição de minoria resultante da sobreposição de privações materiais, corporais e identitárias; e (4) o estatuto simbólico da personagem como figura coletiva da exclusão. O estudo evidencia que o sertão não é apenas referência geográfica, mas permanece como metáfora da precariedade e da invisibilidade que atravessam a experiência da protagonista no espaço urbano. Assim, a obra de Clarice Lispector não apenas narra a história de uma migrante, mas problematiza a permanência das desigualdades sociais e a dimensão existencial da exclusão, projetando Macabéa como figura-limite da modernidade brasileira.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Simbolismo. Exclusão social. Invisibilidade.

Abstract: This article analyzes the representation of Macabéa in Clarice Lispector's novel *A hora da estrela*, investigating how the character's trajectory reconfigures the notion of the sertão (backlands) from a symbolic and existential perspective. The analysis begins with a thorough reading of the literary text in conjunction with specialized criticism, highlighting four axes: (1) the protagonist's self-emptiness and lack of historicity; (2) the everyday alienation and cultural devices that shape her perception of the world; (3) the minority status resulting from the overlapping of material, bodily, and identity-related deprivations; and (4) the character's symbolic status as a collective figure of exclusion. The study highlights that the sertão is not merely a geographical reference, but remains a metaphor for the precariousness and invisibility that permeate the protagonist's experience in urban space. Thus, Clarice Lispector's work not only tells the story of a migrant, but also problematizes the persistence of social inequalities and the existential dimension of exclusion, projecting Macabéa as a limiting figure of Brazilian modernity.

Keywords: Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Symbolism. Social exclusion. Invisibility.

INTRODUÇÃO

A personagem Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, figura como um dos mais agudos e perturbadores emblemas da condição marginal no cânone da literatura brasileira contemporânea. Ao longo do romance, Clarice constrói uma existência que parece, à primeira vista, marcada pelo deslocamento físico: Macabéa deixa o sertão alagoano e instala-se no Rio de Janeiro. No entanto, essa transposição espacial não produz a metamorfose identitária esperada pela narrativa de modernização urbana; ao contrário, o sertão, entendido aqui não apenas como espaço geográfico, mas como conjunto de marcas socioeconômicas, históricas e subjetivas, permanece inscrito no corpo, nos hábitos e na experiência temporal da personagem. Como observa a própria escritora, a jovem “só vagamente toma conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (Lispector, 1993, p. 39): essa “espécie de ausência” será o ponto de partida desta investigação.

O problema central deste ensaio consiste em responder por que e como a migração de Macabéa não rompe com a estrutura existencial que a caracteriza, de modo que se pode afirmar heurística e criticamente que Macabéa saiu do sertão, mas o sertão não saiu dela. Em vez de conceber o sertão como simples topografia, propomos tratá-lo como estrutura de sentidos, uma condição de precariedade material, de invisibilidade social e de limitação simbólica, que sobrevive e se reproduz no espaço urbano. Assim, a hipótese deste trabalho é que a passagem de Macabéa ao Rio de Janeiro encena uma continuidade histórica da exclusão: a cidade não redime

a personagem; antes, reinscreve nela as marcas da marginalização sertaneja.

Para sustentar essa hipótese, o artigo articula uma leitura minuciosa do texto ficcional com o debate crítico acerca da figura de Macabéa. São eleitos como eixos de análise: (1) o vazio de si e a ausência de historicidade que definem a personagem, projetando-a numa temporalidade suspensa; (2) a alienação cotidiana e a força dos dispositivos culturais que limitam sua percepção de mundo; (3) a condição de minoria expressa na conjunção das privações materiais, corporais e identitárias; e (4) o estatuto simbólico de Macabéa como figura coletiva, na qual a precariedade individual se converte em metáfora social. O debate é conduzido em diálogo com críticos como Clarisse Fukelman, Suzi Frankl Sperber e Hélène Cixous. Nesse percurso, mobiliza-se ainda a perspectiva foucaultiana sobre repressão e invisibilidade social, útil para compreender os mecanismos de apagamento que atravessam a trajetória da protagonista.

Adotamos também uma abordagem qualitativa: leitura hermenêutica do romance articulada a uma revisão crítica dos estudos sobre a personagem e sobre as representações do Nordeste na literatura brasileira. Privilegiamos a atenção ao estilo narrativo de Clarice, seu uso da ironia, do narrador implicado e das rupturas temporais, como meios através dos quais o próprio romance evidencia a persistência do sertão em Macabéa. Ao mesmo tempo, problematizamos a recepção crítica que tende, por vezes, a reduzir a personagem a rótulos (incompetente, anônima, vítima) sem examinar plenamente as forças sociais que tornam possível essa condição.

Ao propor que “o sertão não saiu” de Macabéa, este artigo busca deslocar a pergunta tradicional sobre

migração — que costuma perguntar “para onde vai o indivíduo?” — para outra: “que permanece em quem migra?” A resposta, aqui, será menos geográfica do que histórica e ética: o que permanece é a materialidade da exclusão e a narrativa social que torna invisíveis vidas como a de Macabéa.

O VAZIO E A TEMPORALIDADE DO PRESENTE EM MACABÉA

Um dos traços mais contundentes da personagem de Clarice Lispector é a ausência de um projeto existencial definido. Macabéa vive numa espécie de suspensão, como se sua vida fosse composta por fragmentos sem continuidade narrativa. O romance evidencia desde o início que a jovem não tem consciência de si. Macabéa não é apenas uma mulher pobre e sem oportunidades; ela é alguém que desconhece sua própria condição de sujeito, alguém incapaz de se perceber como presença plena no mundo.

Clarisse Fukelman (1993) interpreta esse traço como o oposto daquilo que se poderia esperar de uma figura heroica. Se o herói clássico é marcado por consciência de sua missão e pela clareza de seus objetivos, Macabéa se constrói justamente pelo avesso: é uma personagem “sem rumo”, que não projeta futuro, não elabora passado e se mantém prisioneira do presente imediato. Essa prisão no “agora” não é, no entanto, uma escolha deliberada: trata-se de uma imposição histórica, que deriva tanto da sua origem no sertão alagoano quanto da sua inserção precária no espaço urbano.

A ausência de identidade é reforçada pelo modo como Macabéa ocupa a cidade. Embora viva no Rio de Janeiro, ela não se integra ao ritmo urbano, não participa de seus fluxos de consumo ou de sociabilidade de forma efetiva. Sua presença é quase fantasmática, reduzida ao mínimo vital: trabalho mal remunerado, um quarto compartilhado com outras moças, a dieta precária de cachorro-quente com refrigerante, o consumo passivo da Rádio Relógio. A cidade não lhe oferece horizontes novos; antes, intensifica sua condição de anonimato. A personagem é uma mulher miserável que mal tem consciência de existir. Essa consciência rarefeita é o que faz da narrativa de Clarice um mergulho naquilo que poderíamos chamar de “ontologia da ausência”: um ser que não se afirma, mas que tampouco deixa de existir, ocupando um espaço invisível entre a vida e a não vida.

Outro aspecto decisivo é a relação da protagonista com o tempo. Suzi Frankl Sperber (1983) destaca que Macabéa não elabora um projeto futuro e tampouco revisita o passado como matéria de reflexão. Sua vida é pura duração, marcada pela sobrevivência. Essa fixação no presente é também uma característica de sujeitos submetidos a condições de precariedade extrema: quando a luta pela sobrevivência se torna prioridade, pensar no futuro torna-se um luxo inacessível. O sertão, nesse sentido, não se esgota como geografia, mas se perpetua como regime temporal: a impossibilidade de projetar-se, a condenação a um “tempo circular” de fome, trabalho precário e solidão.

Uma leitura que poderia ser essencial Macabéa representa o “não ser. Esse “não ser” não deve ser entendido como uma abstração metafísica, e sim como fato histórico: a ausência de perspectivas materiais e simbó-

licas que marca uma camada da população brasileira. A personagem encarna a negatividade social daqueles que não encontram lugar nem no sertão de onde vieram nem na cidade para onde migraram.

Essa condição existencial reverbera na própria linguagem da narrativa. Rodrigo S. M., narrador da história, insiste na dificuldade de escrever sobre Macabéa, como se a ausência da protagonista contaminasse o ato narrativo. Ele mesmo reconhece: “nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos” (Lispector, 1993, p. 30). Essa opacidade não é apenas carência de acontecimentos, mas sobretudo a incapacidade de inscrever-se numa narrativa. Se a literatura se funda na memória e na projeção, Macabéa desafia esse princípio: sua história parece não caber em história alguma. Hélène Cixous (1999) retoma esse ponto ao afirmar que a personagem é “um grão de poeira”, cuja fragilidade desestabiliza o próprio escritor. Para narrar Macabéa, é preciso aceitar a escrita do nada, do vazio, do quase apagamento.

Essa relação entre vazio de identidade e tempo presente também encontra ecos na crítica foucaultiana sobre os mecanismos de invisibilidade social. Como sugere Foucault (1988), a sociedade moderna produz zonas de silêncio em torno de sujeitos que não se enquadram nos regimes dominantes de discurso. Macabéa, nesse sentido, é uma dessas zonas: mulher, pobre, migrante, órfã, nordestina, datilógrafa medíocre. Cada uma dessas categorias a empurra mais para o espaço da não visibilidade. Sua fixação no presente, portanto, não é apenas psicológica ou cultural, mas sobretudo resultado de um dispositivo social de apagamento.

O vazio identitário e a prisão no presente transformam Macabéa em uma figura-limite. Sua trajetória não é de evolução, mas de repetição. Sua existência não é marcada por conquistas, mas por faltas sucessivas. Ao migrar para o Rio de Janeiro, a personagem leva consigo o sertão, não como lembrança ou nostalgia, mas como marca indelével: a ausência de projeto, a condenação ao presente, a precariedade que não se dissolve mesmo diante da promessa da cidade grande.

A ausência de identidade em Macabéa não se manifesta apenas no conteúdo da narrativa, mas também no modo como Clarice Lispector estrutura a obra. A estética clariceana — marcada por fragmentação, pausas, digressões e metalinguagem — é parte constitutiva da experiência do vazio. Rodrigo S. M., o narrador, revela-se incapaz de produzir uma narrativa linear sobre a protagonista; constantemente interrompe a si mesmo, reconhece sua impotência, declara não ter assunto. Esse “fracasso narrativo” não é um defeito, mas um recurso estético que espelha a própria condição de Macabéa. Se a personagem é feita de ausências, a narrativa não poderia ser construída senão a partir de lacunas e hesitações.

Essa estética do inacabamento identifica como um dos traços centrais do romance: a consciência de que a vida de Macabéa não cabe na moldura épica nem na lógica tradicional do romance burguês. Ao invés de construir uma história de ascensão, Clarice expõe a precariedade de uma vida que mal tem consciência de existir. A linguagem não encobre essa precariedade; pelo contrário, revela-a em sua nudez. O silêncio, as pausas, as repetições se tornam instrumentos literários para transmitir o esvaziamento existencial da protagonista.

Hélène Cixous (1999) observa que Macabéa é “um grão de poeira” que exige um autor especial para ser narrado. Esse autor, no caso, é Rodrigo S. M., mas sua tentativa de narrar acaba sempre marcada pela insuficiência. A estética clariceana, portanto, constrói-se na tensão entre a necessidade de dar voz a quem não tem voz e a impossibilidade de preencher plenamente essa falta. É nesse espaço de oscilação — entre a escrita e o silêncio, entre a palavra e a ausência de palavra — que se configura a experiência estética do romance.

A própria temporalidade fragmentária da narrativa reforça a condição de Macabéa. A protagonista vive no presente absoluto, incapaz de projetar futuro ou resgatar o passado. Clarice reproduz essa experiência ao construir uma narrativa que não progride de maneira linear. Os capítulos curtos, as interrupções constantes, os retornos ao mesmo ponto e até o anúncio antecipado da morte da personagem fazem com que o leitor também se sinta preso a um tempo suspenso. Assim como Macabéa, o leitor habita um “agora” prolongado, em que não há promessa de devir.

Essa relação entre estética e existência aproxima a narrativa de *A hora da estrela* daquilo que Roland Barthes (1973) chama de “escrita do neutro” — uma escrita que não se deixa capturar pelos polos de afirmação e negação, mas se mantém em suspenso, trabalhando no intervalo. A escrita de Clarice é neutra porque não oferece soluções, não reconcilia os opostos, não conduz a personagem a uma redenção. A estética é, em si mesma, um espelho da precariedade de Macabéa: hesitante, lacunar, interrompida.

Portanto, ao abordar a dimensão estética do romance, é possível perceber que a forma narrativa não é

mera moldura, mas substância. A linguagem de Clarice carrega em si o mesmo vazio que define a personagem. O estilo fragmentado e metalinguístico funciona como prolongamento formal da ausência de identidade e da prisão no presente. Dessa forma, o sertão que não sai de Macabéa não é apenas condição social ou existencial, mas também efeito estético: o texto, tal como a personagem, carrega o peso daquilo que não se pode plenamente dizer.

ALIENAÇÃO COTIDIANA E OS DISPOSITIVOS CULTURAIS NA VIVÊNCIA DE MACABÉA

A mudança geográfica de Macabéa para o Rio de Janeiro não acompanha uma mudança de consciência; pelo contrário, ela intensifica sua exposição a dispositivos culturais que alienam sua percepção de mundo e reforçam o vazio existencial. Esses dispositivos (rádio, anúncios, celebridades, mitos) funcionam como espelhos e muros, isto é, refletem o que ela gostaria de ser ou pertencer, mas, ao mesmo tempo, erguem barreiras que acentuam sua invisibilidade.

Desde muito jovem, Macabéa encontra no rádio uma companhia constante.

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. Foi assim que

aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança (Lispector, 1993, p. 53).

A rádio exerce um duplo papel: funciona como instância de consolo e de ilusão. Fukelman (1993) observa que Macabéia vive em um tempo meramente físico, sem projeções subjetivas – logo, esses fragmentos que chegam pela rádio assumem uma dimensão mítica: ela espera algo grande a partir do trivial. É como se cada anúncio, cada frase da rádio fosse um sussurro de pertença, ainda que ela não saiba como usá-los.

Outro dispositivo alienante é a publicidade e o culto à celebridade, que Macabéia admira profundamente. As estrelas de cinema, os anúncios publicitários, tudo que reluz, tudo que sugere beleza ou sucesso, exerce sobre ela uma atração irresistível. Sperber (1983) diz que ela era presa fácil dos mitos e produtos da indústria cultural, fascinada pelos anúncios publicitários.

Esqueci de dizer que no dia seguinte ao que ele lhe dera o fora ela teve uma ideia. Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vibrante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada (Lispector, 1993, p. 79).

Essa fascinação revela duas coisas: primeiro, que Macabéia desperta para o desejável, para o belo como imagem distante; segundo, que essas imagens funcionam

como padrões reguladores que lhe são inacessíveis, o que agrava sua sensação de inadequação. Ela se compara, se mede com essas imagens, mesmo que inconscientemente. É um contínuo enfrentar modelos aos quais nunca terá acesso. Essa exposição constante ao objeto de desejo reforça a alienação — ela acaba alicerçando sua ideia de felicidade num ideal inatingível.

A linguagem que Macabéa ouve e reproduz da rádio, dos anúncios, dos mitos é essencialmente fragmentária, vazia de conteúdo transformador, mas cheia de apelos simbólicos. Por exemplo, o trecho: “na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo.” (Lispector, 1993, p. 72) é tipo de frase que ilustra como Macabéa capta símbolos sem compreender seus significados, repetindo-os como resíduo de uma cultura a que ela pertence apenas como receptáculo silencioso.

Além disso, ela assiste ao mundo pela vitrine mediática: ela “admirava as estrelas do cinema e sentia-se fascinada pelos anúncios publicitários”. (Fulkeman, 1992, p. 14). Esses anúncios não oferecem diálogo, mas imposições de desejo: o que vestir, como agir, o que almejar. Adotar essa linguagem é quase uma estratégia para tocar algo que lhe parece transcendente (beleza, sucesso, pertencimento), mas que permanece sempre fora de alcance.

O dispositivo simbólico mais cruel talvez seja aquele que promete futuro: a cartomante ou o mito de que algo luminoso pode acontecer. Macabéa termina acreditando numa profecia de que seu destino será diferente, mais promissor. Ainda assim, essa crença não se sustenta porque a alienação contínua impede que haja mudanças concretas em sua situação social.

Essa espera de algo que venha de fora, um acaso, uma promessa, uma revelação, está em consonância com

o que Sperber chama de alienação inconsciente, mas também com a leitura de Portella: o vazio de Macabéa é histórico, não apenas afetivo. A esperança se torna estrutura narrativa: há sempre um momento de delírio simbólico em que Macabéa se imagina diferente, mas ao fim, retoma-se o real brutal. A cidade não cumpre a promessa que o mito ou o anúncio sugeriu.

Todos esses dispositivos culturais, rádio, publicidade, mitos, promessas, atuam para tornar mais presente o vazio de Macabéa. Eles não apenas acompanham sua vida na cidade; fazem parte dela, porque reproduzem as mesmas condições simbólicas do sertão: invisibilidade, falta de voz, espera, ausência de interlocutores que reconheçam sua humanidade.

Para Macabéa, sair do sertão significa confrontar uma urbanidade que oferta iluminação (cinema, rádio, anúncios), mas que permanece alheia. Ela vive entre percepções e discursos que a definem sem permitir que ela se defina. Essa é a dimensão da alienação cultural: ela existe num mundo de símbolos e signos que não lhe pertencem plenamente, e é nesse ambiente que o sertão “mora” nela, invisível mas presente, traduzido nas suas fantasias idealizadas, nas ausências de sentido, no consumo passivo dos signos que supostamente dariam sentido à sua existência

O CORPO AUSENTE: A PRECARIEDADE MATERIAL COMO EXTENSÃO DO SERTÃO

A presença de Macabéa no Rio de Janeiro nunca se converte em pertencimento, pois sua corporeidade denuncia constantemente a condição de exclusão que a

acompanha desde o sertão. O deslocamento geográfico não alterou a essência de sua vida marcada pela carência: ela continua a existir como se fosse “um ser sem espaço”, uma mulher que ocupa apenas fragmentos de realidade. Suzi Frankl Sperber (1983, p. 83) sintetiza essa condição ao afirmar que Macabéa reúne em si todas as formas de pobreza: “econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre de acordo com os padrões dominantes. Além disto, é mulher, meio mestiça na raça e na religião. Ela é minoria. Representa, portanto, os grupos minorizados.”

Esse corpo frágil e desprotegido aparece reiteradamente no romance. O narrador o define com uma brutalidade desconcertante: “Tão jovem e já com ferrugem” (Lispector, 1993, p. 40) ou “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (Lispector, 1993, p. 44). O “ferrugem” metaforiza não apenas a tuberculose que a acomete, mas a própria corrosão de uma existência que envelhece sem nunca ter florescido. Macabéa, como lembra Castello (1998), é uma mulher miserável, que mal tem consciência de existir, e essa inconsciência é inseparável da degradação de seu corpo.

A precariedade física também se traduz em sua alimentação mínima: cachorro-quente e Coca-Cola, um cardápio que simboliza a redução da vida à sobrevivência. A escolha não é fruto de gosto, mas de falta de condições. Até a tristeza lhe é negada, uma vez que tristeza era luxo. O corpo que não tem sequer o direito de sentir tristeza revela a violência simbólica de uma sociedade que retira até a experiência subjetiva de quem está à margem.

Mais do que biológica, a carência de Macabéa é ontológica. Clarice a descreve como alguém que “[...]era

incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma (Lispector, 1993, p. 39). A ausência de si dentro de si, a falta de identidade, aponta para uma subjetividade corroída. Interpretamos esse vazio como um dado histórico: o vazio de Macabéa não é uma instância metafórica: é um fato. Ou seja, o não ser da protagonista não deriva apenas de seu caráter psicológico, mas das determinações sociais e econômicas que moldam sua condição.

É nessa perspectiva que o corpo de Macabéa pode ser compreendido como a permanência do sertão dentro dela. Não o sertão paisagem, mas o sertão como categoria de exclusão: um corpo que não participa, um corpo que não projeta futuro, um corpo que se apaga na multidão da metrópole. A lembrança da canção desafinada de roda, em que só podia “ouvir sem participar porque a tia a queria para varrer o chão” (Lispector, 1993, p. 48), ilustra essa exclusão. Desde a infância, seu corpo foi retirado do jogo, da brincadeira, da experiência comum da coletividade. O gesto se repete na vida adulta: ela observa, mas não age; deseja, mas não realiza.

Além disso, o corpo de Macabéa é um corpo sem espaço. Como observa Sperber, “o espaço ocupado pela ‘heroína’ do livro é nenhum” (1983, p. 83). Dividindo um quarto com quatro colegas, ela precisa de um artifício para usufruir sozinha do lugar que habita. O espaço urbano, supostamente acolhedor, repete a lógica do sertão: falta-lhe lugar, falta-lhe chão. É uma “existência-casulo”, como a crítica diz, em estado de hibernação.

No limite, a morte surge como a única experiência capaz de devolver-lhe corpo e identidade. O narrador

mostra isso de forma paradoxal: Macabéa “nasce” apenas no momento da morte. Só no instante final, quando já não há mais futuro, ela se torna visível, ela se torna estrela. Hélène Cixous (1999, p. 129) interpreta essa passagem com intensidade: “Macabéa não é (apenas uma) personagem de ficção. Ela é um grão de poeira que entrou no olho da autora e provocou uma torrente de lágrimas.” O corpo frágil e invisível, no ato da morte, ressurgue como presença que força o olhar do leitor.

Assim, a corporeidade de Macabéa confirma o paradoxo central de sua existência: mesmo no espaço urbano, permanece ligada ao sertão, não porque conserve a paisagem de origem, mas porque traz consigo a mesma precariedade material, a mesma condição de invisibilidade social, o mesmo destino de quem vive sem espaço, sem identidade e sem direito ao sofrimento.

INVISIBILIDADE SOCIAL E MARGINALIZAÇÃO DE GÊNERO E REGIONALIDADE

Macabéa não apenas vive no Rio de Janeiro, mas está, de forma simbólica, ausente do espaço social. Sua invisibilidade se manifesta na indiferença dos que a cercam e na própria narrativa que a relata. Clarice Lispector, ao descrevê-la, utiliza imagens que reforçam a fragilidade da protagonista diante de um mundo que a nega como “um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (Lispector, 1993, p. 78). A metáfora do cabelo indica a presença indesejada, intrusa e desprezada: Macabéa existe, mas sua existência é considerada irrelevante e até incômoda.

Sperber (1983, p. 83) reforça essa ideia ao apontar que Macabéa representa “grupos minorizados” e que sua alienação a torna inapta para a luta social. Ela não é percebida como protagonista de sua própria vida, mas como figura secundária em meio às imposições da sociedade urbana. A marginalização é, portanto, dupla: social e simbólica, ligada ao gênero feminino e à origem nordestina.

A condição feminina de Macabéa intensifica a exclusão. Ela era uma figura feminina sem corpo que “sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada” (Lispector, 1993, p. 50). A descrição evidencia a alienação sexual e afetiva que acompanha a personagem: seu corpo não é visto como corpo de mulher, sua sexualidade não é reconhecida nem validada pela sociedade. Essa negação reforça a invisibilidade: ser mulher na condição de Macabéa implica uma interdição dupla, social e cultural, sobre o direito de existir e de ser percebida como sujeito.

Além do gênero, sua origem nordestina acentua a marginalização. Fukelman (1993) observa que Macabéa “em tudo e por tudo, é o oposto do herói épico”, vivendo um cotidiano marcado pela impossibilidade de grandes feitos e pela inabilidade frente aos desafios da vida urbana. Ela carrega consigo o sertão como memória, como marca de exclusão, transportando para o Rio de Janeiro um espaço simbólico que a sociedade não reconhece nem acomoda. Brose reforça essa leitura ao afirmar que, apesar de Olímpico e Macabéa serem a negação que o sistema niilizou, há momentos irônicos que revelam positividade, mas essa é sempre limitada e efêmera, não alterando a invisibilidade social.

A morte surge como a única forma de Macabéa adquirir presença e ser vista, pois até então, sua exis-

tência é ignorada e subestimada. A personagem alcança sua visibilidade plena apenas no último instante: “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (Lispector, 1993, p. 99). O reconhecimento que a morte proporciona reforça a dimensão trágica de sua marginalidade: Macabéa só se afirma como sujeito social quando o futuro lhe é negado.

Hélène Cixous (1999, p. 129) interpreta a personagem como “um grão de poeira que entrou no olho da autora e provocou uma torrente de lágrimas”, destacando que Macabéa não é apenas um objeto literário, mas também um instrumento para interrogar o leitor sobre as estruturas sociais que invisibilizam determinados sujeitos. A invisibilidade, portanto, não é um acidente da narrativa, mas uma marca intencional da condição feminina, nordestina e pobre.

Por fim, a marginalização de Macabéa evidencia a complexa articulação entre classe, gênero e regionalidade na sociedade brasileira. A personagem revela que a exclusão não é apenas econômica, mas simbólica: ela não tem espaço, não tem voz, não tem projeção social, e sua existência é quase ignorada até pelo próprio narrador. A invisibilidade de Macabéa é, portanto, a concretização do sertão que não sai dela — uma presença ausente que denuncia as estruturas de desigualdade e preconceito que atravessam a sociedade urbana.

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO SERTÃO

O sertão em *A hora da estrela* não se apresenta como paisagem geográfica, mas como uma categoria simbólica que habita o corpo e a consciência de Macabéa. O deslocamento da personagem para o Rio de Janeiro

ro não elimina o sertão: ele permanece como ausência, precariedade, silêncio e invisibilidade. Mais do que origem, o sertão em Macabéa é destino.

Clarice Lispector constrói a protagonista como alguém sem consciência de si mesma”. Essa ausência é a interiorização do sertão — um espaço marcado pelo não ser, pelo vazio e pela falta de identidade. Diferente do sertão de Euclides da Cunha ou de Guimarães Rosa, que se configura como palco de resistência e de mitificação do herói, em Clarice o sertão se torna invisibilidade: o espaço em que a vida não chega a florescer.

O sertão é transposto para a cidade como realidade concreta, uma condição existencial que sobrevive mesmo após a migração. O corpo mal nutrido, a saúde debilitada, a alienação cultural e a exclusão social são extensões desse sertão que se instala na personagem, independentemente do cenário urbano que a envolve.

Suzi Frankl Sperber (1983, p. 83) identifica em Macabéa um sujeito “alienado, inapto para a luta social”, e acrescenta que ela reúne todas as formas de pobreza. Essa constelação de privações corresponde, no plano simbólico, ao sertão como categoria de carência absoluta. O espaço urbano não a ressignifica: ao contrário, repete a lógica do sertão, transformando-a em presença apagada, em “um cabelo na sopa” (Lispector, 1993, p. 78).

O sertão, portanto, é vivido como memória e como destino. Desde a infância, Macabéa foi retirada do jogo coletivo. O gesto de exclusão se perpetua no Rio de Janeiro: permanece sempre à margem, observando a vida sem dela participar. O sertão, internalizado, torna-se a metáfora da impossibilidade de inclusão.

Nesse ponto, a leitura de Hélène Cixous (1999, p. 129) ilumina o alcance simbólico do sertão em Macabéa: “Macabéa não é (apenas uma) personagem de ficção. Ela é um grão de poeira que entrou no olho da autora e provocou uma torrente de lágrimas.” O sertão deixa de ser apenas lugar e torna-se condição universalizada: o grão de poeira que incomoda, a ausência que obriga o olhar.

Assim, em *A hora da estrela*, o sertão em Macabéa não se define por geografia, mas por simbolismo: é a metáfora da exclusão, da invisibilidade e da ausência de identidade. Não importa que esteja no coração do Rio de Janeiro; o sertão permanece dentro dela como marca indelével. Macabéa é a encarnação do sertão enquanto condição de não ser, de precariedade e de silêncio, revelando que o sertão é menos um espaço externo e mais uma dimensão íntima, interior e existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hora da estrela configura-se como um dos romances mais contundentes da literatura brasileira no tratamento da invisibilidade social e existencial. A trajetória de Macabéa, longe de representar apenas uma nordestina migrante no espaço urbano, revela-se como metáfora do sertão que persiste para além de seus limites geográficos. O sertão, aqui, não é apenas um lugar, mas uma condição simbólica que se encarna no corpo e na subjetividade da protagonista.

A crítica literária, em diferentes frentes, contribui para iluminar essa dimensão. Suzi Frankl Sperber destaca a alienação da personagem e a ausência de espaço real

que ocupa, reforçando sua condição de sujeito em estado de casulo. Interpreta-se também o vazio de Macabéa como dado concreto da narrativa, afastando a leitura meramente metafórica e evidenciando o peso social de sua exclusão. Fukelman enfatiza sua oposição à figura épica, reduzida à sobrevivência sem feitos, sem herança e sem horizonte. Hélène Cixous, em uma leitura mais afetiva, vê em Macabéa a condensação de uma presença mínima, mas capaz de provocar o olhar e desconcertar o leitor.

Desse conjunto de leituras, emerge a percepção de que o sertão em Macabéa não se restringe ao passado nordestino, mas se reinventa como ausência persistente no espaço urbano. O Rio de Janeiro não a ressignifica: apenas repete, em outro cenário, a lógica da exclusão. O corpo frágil, a falta de identidade, a inexistência de futuro e a alienação cultural são manifestações de um sertão que deixou de ser paisagem para se tornar condição de ser.

Enquanto em outras elaborações literárias o sertão foi palco de resistência, de luta ou de mitificação do herói, em Clarice ele se apresenta como precariedade absoluta, como impossibilidade de voz. A personagem encontra, paradoxalmente, um momento de revelação apenas na morte, quando a ausência se converte em presença. A morte, aqui, não é mero fim, mas a única possibilidade de reconhecimento.

Assim, Clarice Lispector ressignifica a tradição do sertão na literatura brasileira. Em vez da força épica, encontramos a fragilidade extrema; em vez da luta coletiva, a solidão de uma existência apagada; em vez da memória territorial, a interiorização simbólica de uma condição de não ser. Macabéa é o sertão que sobrevive no corpo urbano, o retrato mais radical da exclusão e da invisibilidade.

A hora da estrela, portanto, ultrapassa a história individual da protagonista e se afirma como reflexão universal sobre a precariedade humana. Ao mostrar que o sertão pode existir no coração da cidade, a obra denuncia que a marginalização não é geográfica, mas estrutural. Nesse sentido, o romance de Clarice Lispector consolida-se como uma narrativa que, ao mesmo tempo em que dá voz ao silêncio, revela a dimensão simbólica do sertão como metáfora da condição humana em sua vulnerabilidade mais profunda.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CIXOUS, Hélène. *A hora de Clarice: viver a laranja; à luz da maçã; o verdadeiro autor*. Rio de Janeiro: Exodus, 1999.

CHIAPPINI, Lígia. *Pelas ruas da cidade: uma mulher precisa andar, leitura de Clarice Lispector*. [s.d]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/articulo/view/682> Acesso em: 18 de set. de 2025.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Alburquerque e J.A. Guilhaon Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1988.

FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis). In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 22 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/ FFLCH-USP, n. 5, p. 44-55, 2000

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo. Quíron, 1973.

SPERBER, Suzi F. Jovem com ferrugem. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 154- 164.

SILVA, Cátia Aparecida Fialho da. *Macabéa: o retrato de um Nordeste minorizado*. Perspectivas Sociais, Pelotas, vol. 06, nº 01, p. 111-135, 2020.

